



## ORIDES: A MONTANHA, O TEMPO, O SILÊNCIO.

**Benilson Toniolo**

Para Maria Isabel Pereira. Bel.

Naquela tarde fria de 20 de maio de 2016, de ventos gelados soprando de todos os lados, eu e Bel Pereira nos posicionamos, inquietos e reticentes, de frente ao local onde a poeta descansava.

O dia havia nascido cinza em Campos do Jordão e assim permaneceu: frio, nublado, ameaçando uma improvável chuva de meio de outono, atravessado por aquele vento contínuo que parecia deslocar não apenas as nuvens, mas o próprio tempo.

Eu à frente da Secretaria Municipal de Cultura de Campos do Jordão; ela, assessora de imprensa da prefeitura, nascida em São João da Boa Vista, o mesmo berço da poeta que repousava bem ali, à nossa frente.

À volta, manejando as pás e as enxadas com grande habilidade, dois trabalhadores se preparavam para abrir a terra.

Ambos fingíamos naturalidade. Um ato meramente administrativo, queríamos ter pensado. E esperávamos, com as mãos geladas, o espírito perturbado e o coração aos pulos, a exumação dos restos mortais de Orides Fontela, falecida aos 58 anos, no dia 2 de novembro de 1998, em um quarto qualquer do Sanatório São Paulo — a apenas alguns quilômetros de onde estávamos.

Havia algo de profundamente “oridiano” naquela paisagem. Parecia que apenas ela, a poeta, estava à vontade, certa da relevância do seu papel e sua presença. A poeta que escreveu com a lâmina do essencial parecia reconhecer-se no cenário austero da montanha. Seus versos — sempre breves, sempre densos — ecoavam como uma respiração contida:

“Tudo será difícil de dizer: a palavra real nunca é suave.”  
E não era suave aquele mo-



Orides Fontela

civulgação

mento. O procedimento técnico, necessário, contrastava com a dimensão simbólica do gesto. Não se tratava apenas de abrir a terra, mas de tocar uma memória. Orides, que tantas vezes escreveu sobre a ossatura das coisas, sobre a matéria mínima e o silêncio, parecia ensinar que há instantes em que a realidade exige distanciamento. Contenção. E a reverência dos momentos que, sabemos, serão eternos.

Orides veio para Campos do Jordão, vinda de São Paulo, tratar da tuberculose. Vida sofrida, de salários insuficientes em empregos em que jamais se encontrou. Residiu em pensões, fundos de residências, quartos em que foi despejada por falta de pagamento. De família humilde, dedicou-se à poesia como destinação, refúgio e encontro.

Orides construiu uma obra singular na literatura brasileira. Em livros como *Transposição*, *Helianto* e *Teia*, sua escrita recusou ornamentos e abraçou o rigor. Filo-

sófica sem perder a vibração sensível, sua poesia sempre buscou o cerne, a centelha, a faísca, o ponto exato onde linguagem, vida e pensamento se encontram.

No dia 24 de maio, em Jacaréi, realizamos a entrega das cinzas às autoridades sanjoanenses presentes: o então prefeito Vanderlei Borges de Carvalho, o Reitor das Faculdades Associadas de Ensino, Francisco de Assis Carvalho Arten, e à presidente da Academia de Letras, Lucelena Maia. O ato, simples em sua forma, carregava uma densidade histórica e afetiva incontornável: devolver à cidade natal aquela que ajudara a inscrever-la no mapa da poesia brasileira.

Era, de algum modo, um retorno ao princípio.

“É preciso o silêncio para que a palavra exista.”

A poeta regressava em silêncio.

Hoje, quando a Festa Literária Internacional de Paraty anuncia a homenagem — justa, justa — a Orides e sua obra, me dou conta que

o ciclo se cumpriu. Eu li os poemas. Eu vi o que há por dentro — o que foi natural, o que foi implantado. Vi a cor da terra e senti seu cheiro úmido e compacto. Vi o vestido breve, leve, azul claro (disseram que tinha sido roxo), que a cobriu. Eu senti o vento que fez com que o último vestido se movimentasse num frêmito — breve e gélida brisa que se assemelha à poesia quando nos assombra — uma poesia que enfrenta o vazio, a falta, a transcendência, a dor indizível.

Havia o vento. Ele atravessava as árvores como se buscasse, entre galhos, pedras e a terra que circunda os túmulos, a mesma síntese que Orides buscou na poesia. Talvez ela não quisesse que fosse um dia de sol.

Mais do que um ato administrativo, foi um rito de restituição. Devolver Orides à sua terra natal não foi apenas conduzir um resto de corpo reduzido à matéria, mas ajudar a trazer à luz uma obra que continua a arder na inteligência e na sensibilidade dos leitores.

Porque Orides permanece.

Permanece na palavra exata.

Permanece na recusa do desnecessário.

Permanece no desafio de dizer o indizível.

Permanece no vento que açoiata e desarranja.

E talvez, tenhamos compreendido — eu, Bel, a poesia e a montanha — que certos retornos não encerram uma história. Permitem apenas novas leituras, novos encontros, novas permanências.

Novos ventos.

**Benilson Toniolo - Campos do Jordão (SP) - é professor e escritor. Exerceu os cargos de presidente da Academia de Letras de Campos do Jordão e de Secretário Municipal de Valorização da Cultura de Campos do Jordão.**





## Débora Novaes de Castro - a joia preciosa do LV

Rosani Abou Adal



divulgação

Débora Novaes de Castro

A escritora Débora Novaes de Castro é a homenageada da edição de março - representando as autoras brasileiras e colaboradoras do *Linguagem Viva* - pela sua grande contribuição à literatura brasileira e pelo seu apoio e parceria ao longo da história, fundamental para que o jornal pudesse resistir e se manter vivo.

Poeta, escritora, professora, haicaísta, artista plástica e mestre em Comunicação e Semiótica: Inter-semiose na Literatura e nas Artes – Dissertação: O HAICAI NO BRASIL: Comunicação & Cultura, pela PUC-SP - é uma das maiores haicaístas do nosso tempo.

Publicou os livros *Gotas de Sol*, *Soprar das Areias*, *Chão de Pitangas*, *Aljôfares*, *Amarelinha – Poética infanto-juvenil*, *Das Águas do Meu Telhado*, entre outras importantes obras.

O HAICAI NO BRASIL – Comunicação & Cultura (Socrtecci Editora) - obra da sua tese de mestrado -, essencial para os estudiosos do haicai, merece uma nova edição pela sua importância e de grande valor literário.

De 1994 até 2022, Débora fez anúncios da sua extinta editora LivroArte e dos seus livros para ajudar o jornal. Seu apoio foi imprescindível para que LV pudesse sobreviver e continuar circulando nos momentos difíceis da economia brasileira, entre outros empecilhos que abalaram nossa cultura e arte.

Que seus poemas e colaborações continuem engrandecendo as páginas do *Linguagem Viva* e encantando leitores.

Querida Débora Novaes de Castro, em nome dos leitores, colaboradores, clientes e leitores, receba nosso agradecimento.

Rosani Abou Adal - São Paulo (SP) - é membro da Academia de Letras de Campos do



Jordão e da Associação Nacional de Escritores.  
[www.poetarosani.com.br](http://www.poetarosani.com.br)

### LINGUAGEM VIVA

**Periodicidade:** mensal - [www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

**Editores:** Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal  
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

**Contato:** Whatsapp (11) 97358-6255 -

[linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

**Assinatura anual R\$ 160,00 e semestral R\$ 80,00**

**Distribuição:** Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

**Impressão:** *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-765.

**Selos e logo de Xavier** - [www.xavierdelima1.wix.com/xavi](http://www.xavierdelima1.wix.com/xavi)

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

## MARGARIDA

Raquel Naveira

Se eu fosse uma flor, seria uma margarida. De pétalas fechadas ao entardecer e toda aberta, cheia de contentamento, acolhendo o sol, ao despertar pela manhã. Quando criança, despetalava a margarida para saber o número de anos que faltavam para me casar, repetindo o refrão: "Bem me quer, mal me quer."

Margarida, em inglês, daisy, significa "o olho do dia". A flor justifica esse nome pelo movimento de dobrar a corola ao final do dia, como se fosse dormir. Lembrei-me do nosso velho professor de inglês, no curso Clássico, Nagib Raslan, magrinho, com seu jaleco branco e uma régua na mão, escrevendo no quadro a letra de uma antiga canção popular, Daisy Bell. A letra dizia assim: "Daisy, Daisy, give me your answer do/ I'm half crazy all for the love of you." Traduziríamos assim: "Margarida, Margarida, dê-me sua resposta/ Estou louco de amor por você." Regida pelo mestre/maestro, eu cantava como se fosse uma condessa britânica, prestes a trocar o luxo das carruagens por uma bicicleta construída para dois amantes.

Fazendo uma releitura de Fernando Pessoa e seus heterônimos, encontrei nos poemas atribuídos a Álvaro de Campos, o engenheiro naval, uma cantiga escrita "em estado de inconsciência alcóolica", que começa assim: "Ai, Margarida,/ Se eu te desse minha vida,/ Que farias com ela?" Seguida do "Soneto Já Antigo", onde ele completa: "Olha, Daisy, quando eu morrer tu hás de/ Dizer aos meus amigos aí de Londres,/ Que embora não o sintas, tu escondes/ A grande dor da minha morte." Estranho o heterônimo mais urbano e alucinado de Pessoa escrever irônicos poemas de amor à misteriosa musa Margarida/Daisy!

A primeira vez que esse nome, Margarida, entrou com força em meu imaginário, foi ao assistir, na década de setenta, à novela de maior audiência de todos os tempos: *As Pupilas do Senhor Reitor*, com a atriz Márcia Maria no papel da doce Guida e Agnaldo Rayol como o donjuan Daniel. Mais tarde, li embevecida o romance português de Júlio Diniz que inspirou a novela. A temática girava em torno da tese segundo a qual a vida simples e natural torna as pessoas alegres

e felizes. O autor descreve os campos, as figuras humanas, os hábitos e ideias, os costumes burgueses. As personagens são autênticas, reais. O Dr. João Semana, por exemplo, é o retrato fiel do cirurgião João José da Silveira, médico de Júlio Diniz, já tuberculoso, fazendo tratamento na aldeia de Ovar. O Reitor encarnava o clero convertido a uma postura liberal. Margarida era a heroína, a mulher-anjo, fada ou samaritana, plena de virtudes, capaz de recuperar com mansidão o mais duro dos homens. Resumindo: beleza e bondade encantam e mudam as circunstâncias difíceis (ainda acredito nisso).

Visitando o Museu do Prado, em Madri, um quadro me chamou a atenção: "As Meninas", de Velasquez, pintor da corte espanhola no século XVII. A infanta Margarida, aos cinco anos, com um vestido dourado, no estúdio do artista, cercada por damas de companhia, os olhos cravados em seus pais, cujo reflexo é visível no espelho da parede. Fiquei imaginando qual teria sido o destino de Margarida: casou-se? Permaneceu solitária? Envelheceu trancafiada num castelo? Ficou louca? Sucumbiu a alguma febre? Pústulas de varíola fecharam-lhe a garganta? Foi exilada para um país distante? Decapitada? Um mistério. O retrato de Margarida é tão fascinante que Pablo Picasso pintou, séculos depois, mais de quarenta variações dessa obra.

Pesquisei: ela se casou ainda menina com o imperador do Sacro Império Romano Germânico, Leopoldo I, seu tio. Faleceu de bronquite, logo após o quarto parto, aos vinte e um anos, pobre e frágil Margarida, com sua testa ampla, gerada por príncipes de Habsburgo.

A margarida representa a inocência. A inocência nos protege, enquanto andamos distraídos, perfurando noites e dias. Seria uma margarida, se fosse flor.

Raquel Naveira - São Paulo (SP) - é escritora e poeta. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da Academia de Ciências de Lisboa e da



Academia Cristã de Letras de São Paulo.



# O PY DA LITERATURA, DOUTOR EM DRUMMOND

## Edmílson Caminha

Ao ouvir de um amigo que o futuro lhe faria justiça, Otto Lara Resende saiu-se com uma das suas tiradas famosas: “De que nos serve a posteridade, se não seremos contemporâneos dela?”. Além de não haver para um autor defunto, o amanhã lhe põe em perigo a herança literária: é quase certo que, passados alguns anos, pouco restará do que escreveu. Primeiras edições, manuscritos, cartas e artigos estarão em poder de estranhos, ou jogados no fundo de alguma biblioteca, quando não definitivamente perdidos. A menos que tenha o escritor a sorte de merecer um devotado, para descobrir-lhe as raridades onde quer que se encontrem.

Fernando Py representava esse espécime literário, misto de colecionador e arqueólogo. Durante mais de 60 anos, reuniu e sistematizou tudo que se refere a Carlos Drummond de Andrade, por cuja poesia se interessou ainda na adolescência, caso que considera de amor à primeira vista. Não fosse, ele próprio, o talentoso poeta de *A construção e a crise*, que tantos elogios recebeu (o domínio da técnica e o exercício da criação literária lhe terão permitido, mais que a outros, avaliar a grandeza da produção drummondiana).

Em *O chão da crítica*, reuniu Fernando Py os ensaios e artigos com que estudou nossa melhor literatura. Tradutor respeitado, trouxe para o português obras de Proust, Marguerite Duras e Saul

Bellow, entre outros. Com tamanha atividade, não se esperasse do autor uma trajetória acadêmica: formado em Direito, ganhou a vida – acredite-se – como pesquisador do Instituto Nacional de Meteorologia. Aparentemente incompatíveis, o poeta e o homem do tempo se deviam completar, habituados que eram ao convívio do obscuro, do nebuloso... Além do que, como bem percebeu Fausto Cunha, a formação científica de Fernando Py lhe forneceu “invejável disciplina intelectual, a capacidade de discernir e sistematizar os fenômenos – que também o são os literários –, sem prejudicar sua sensibilidade de poeta e o dom vocacional de apreender os mistérios da criação.”

No sossego de Petrópolis (RJ), organizou o maior e mais completo arquivo particular sobre Drummond de que se tem notícia. São dezenas de edições dos títulos drummondianos, centenas de revistas, partituras musicais sobre poemas, gravações e milhares de recortes, cuidadosamente classificados em pastas. Podia-se ter, na biblioteca de Fernando Py, o privilégio de manusear as primeiras edições de *Alguma poesia*, *Brejo das Almas* e *Sentimento do mundo*, hoje verdadeiras raridades. Acervo assim tão rico possibilitou-lhe organizar a *Bibliografia comentada de Carlos Drummond de Andrade: 1918–1930*, publicada pela José Olympio em 1980, comemorativa dos 50 anos do lançamento da primeira obra do poeta. O volume, obrigatório nas pesquisas aca-

dêmicas, traz índice cronológico com 390 verbetes, lista de pseudônimos e afins, além de interessantes comentários sobre publicações anteriores a *Alguma poesia*, que Drummond planejou mas desistiu de levar à frente. A *Bibliografia comentada* deve ter agradado ao poeta, que já preparara, ele mesmo, algo semelhante: *Uma pedra no meio do caminho* (biografia de um poema), em que relaciona tudo de bom e de ruim que se escrevera sobre os versos polêmicos.

São muitos os pesquisadores, professores, estudantes e leitores que, mesmo no tempo da internet, valiam-se de Fernando Py para informações, dados e cópias de escritos drummondianos. Entre eles, um, especial: o próprio Drummond, que vez por outra lhe pedia ajuda:

— Py, quero fazer referência a uma crônica que escrevi por volta de 1957, 1958, em que lembro meu primeiro encontro com o José Olympio. Já procurei entre os recortes do *Correio da manhã* e não acho. Você deve tê-la por aí...

Pouco tempo depois, o amigo telefonava de volta, com a indicação do título e da data de publicação, mais a promessa de que a xerox seguiria pelo correio...

É lamentável que instituições oficiais não tomem como exemplo o primoroso trabalho de Fernando Py. Raros são os arquivos e bibliotecas públicas que ao menos sistematizam a documentação de que dispõem: o destino, em geral, são caixas de leite Ninho, onde acabará por desaparecer sob a incúria e



Fernando Py

o esquecimento. Faça-se, aqui, justiça ao Arquivo–Museu do Centro de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, modelar nos projetos que realiza em favor da preservação do nosso patrimônio literário.

Discreto e reservado, Fernando Py entusiasmava-se quando discorria sobre sua paixão. Não fora a modéstia, bem que poderia acrescentar, aos títulos de advogado, poeta, ensaísta, crítico e tradutor, mais um, que aos outros só é dado receber à custa dos sofrimentos da pós-graduação: o de Doutor em Drummond.

**Edmílson Caminha - Brasília (DF) - é jornalista, professor de língua portuguesa e literatura brasileira, consultor legislativo da Câmara dos Deputados e membro da Associação Nacional de Escritores.**



## Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional. Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

## COSTURA

Jorge Ventura

Para fechar ferida  
Agulha e linha  
Tua mão à minha  
A costurar a vida

Jorge Ventura - Rio de Janeiro (RJ) - é escritor, ator, poeta, editor, roteirista, jornalista e publicitário. (Facebook) @jorgeventura4758 [jorgeventura@terra.com.br](mailto:jorgeventura@terra.com.br)





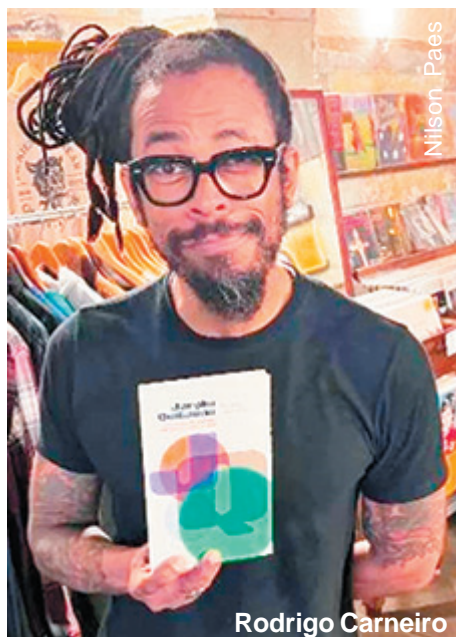
# Jardim Quitaúna é o mundo

## Escobar Franelas

**T**alvez o primeiro gesto de simpatia com *Jardim Quitaúna - crônicas de paixão, política e cultura pop*, de Rodrigo Carneiro, seja por ter ganhado este livro de um cara que é como um irmão gêmeo que a vida me presenteou: Edhson FM. Uma segunda possibilidade: saber que o autor e eu temos quase a mesma idade e vivemos paixões (literatura, cinema e música), se não parecidas, paralelas. Um terceiro fato coincidente: a sensação de que professamos uma mesma fé ideológica, que parte sempre do “nós”, da *tchurma*, do coletivo; enfim, uma devoção mais grupal e menos sobre individualidades.

Poderia enumerar uma quarta hipótese: a epígrafe de Lélia Gonzalez, “O lixo vai falar, e numa boa”; um soco no estômago, um mantra, um rastilho de pólvora no galpão dos acomodados. Quinta? Vá lá: a benquerença por Paula Saldanha. Poderia enumerar mais motivos de empatia pelas crônicas de Carneiro, mas acho que já está de bom tamanho. Então, vamos aos fatos:

O livro é relativamente pequeno e muito aprazível de ser lido: em 140 páginas, dissecou a sua formação cultural, a mesma por onde transitou a inteligência alternativa brasileira dos anos 1970 até aqui pertinho, nas bordas da pandemia, essa que nos assolou há poucos



Rodrigo Carneiro

anos e que ainda dá sinais de sobrevivência, mesmo com vacina. Lembremo-nos: desinformações (sanitárias e, principalmente, cognitivas) têm nos violentado cotidianamente, como preconizou Arendt.

Com belo projeto gráfico assinado por Renata Coelho, a obra compreende uma sinopse na oreilha, um prefácio esclarecedor de Adriana Ferreira Silva, uma curta (mas norteadora) nota introdutória do autor e a sua biografia no fim. E 41 crônicas!

E que crônicas! Elas percorrem desde o período de formação do autor - “Primeira paixão”, o hilário texto sobre Magal, dá a largada - e então somos levados em uma viagem panorâmica que percorre o surgimento dos primeiros video-

clipes no Brasil, os shows incendiários nos *inferinhos* da metrópole, até o estabelecimento do país como palco de grandes e lendários shows, tudo escrito com elegância e concisão pelo autor.

Jornalista, escritor e músico (vocalista da banda Mickey Junkies desde a sua fundação, no início dos anos 1990), Carneiro caminha com desenvoltura no solo das experiências sonoras, audiovisuais e literárias. Nos textos do livro, fala (pouco) de sua banda e muito do que ouviu, sentiu e viu nesses anos todos. Justapõe Bob Dylan e Leonard Cohen, com notas pessoais, sem perder o ponto de equilíbrio entre descrição e sensação. Enumera fatos, celebra encontros e amizades, enaltece quem (por ele) pode ser enaltecido, defenestra detratores e detratados. Faz literatura com a memória, mas também com a alma. Quando recorda Itamar Assumpção, é como se estivesse servindo um manjar. Quando recorre a jazzistas e beatniks para ordenar uma cronologia histórica, social e cultural, o faz com erudição e clareza. Até uma sessão de cinema com Chico Science e seu pessoal, para assistir um autêntico Spike Lee no centro de SP, vira um curto e contundente tratado sociológico sobre um filme, um tempo, um lugar.

Mais não consigo elogiar, sob risco de redundância. Mas se você está procurando um livrinho hones-

to, ideal para ler nas férias, numa viagem ou talvez recuperar um período híbrido, de profundas transformações sociais, comportamentais e tecnológicas, talvez este *Jardim Quitaúna - crônicas de paixão, política e cultura pop* possa ser uma indicação bacanuda, um presente desprezioso e ao mesmo tempo muito sofisticado.

Nota: Jardim Quitaúna é um bairro de Osasco, cidade da Grande São Paulo.

Serviço:

Livro: Jardim Quitaúna - crônicas de paixão, política e cultura pop

Autor: Rodrigo Carneiro

Gênero: Crônica

Editora: Terreno Estranho, SP

Ano: 2025

Páginas: 140



**Escobar Franelas - São Paulo (SP) - é escritor, roteirista e produtor audiovisual paulistano. Publicou *Contos Crônicos* (Lavra Editora), entre outros livros.**

## LINGUAGEM VIVA

**Assinatura Anual: R\$ 160,00**  
**Semestral: R\$ 80,00**

**Banco do Brasil:** Conta 19081-0 - agência 0719-6 -

**Banco Bradesco:** agência 0165 - conta 0013923-8

**PIX:** [rosani@linguagemviva.com.br](mailto:rosani@linguagemviva.com.br)

Enviar comprovante e endereço para  
[linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

**Celular e Whatsapp.: (11) 97358-6255**

Canto do Alaúde



Rosani Abou Adal

**Canto do Alaúde**

poemas de **Rosani Abou Adal**

capa de **Janna Adal**

prefácio de **Ronaldo Cagiano**

Está à venda no

**Sebo Angelo Agostini Galeria Nova**

**Barão - Loja 63 - Rua Barão de**

**Itapetininga, 37 - (11) 99686-4895**

**Livraria Unesp - Praça da Sé, 108 - (11) 3107-2623**

**Pedidos pelo WhatsApp (11) 97358-6255**



# EU ME SINTO UM CRIMINOSO, DE LUIZ OTÁVIO OLIANI

**Rogério Salgado**

“Pessoalmente Pessoa me fascina. Como heterônimo, ou de cara limpa, é um poeta de autopsicografia rara.” (Luiz Otávio. Oliani)

A primeira vez que soube da existência do escritor Luiz Otávio Oliani foi ao receber seu segundo livro, “Espiral”, publicado pela Editora da Palavra em 2009. Na época, meu envolvimento com o livro gerou um poema publicado no meu “Poemas” de 2010. Mas foi em 2011, no VII Belô Poético — Encontro Nacional de Poesia de Belo Horizonte, evento realizado por mim e por Virgilene Araújo, que nos conhecemos pessoalmente. Daí nasceu essa amizade poética eterna e essa admiração mútua entre nós.

O conceito de Literatura nos diz que ela “é a arte da palavra, um campo da expressão humana que utiliza a linguagem escrita (ou oral) para criar obras de valor estético, expressando sentimentos, pensamentos e ideias. Sua origem etimológica remete à palavra latina littera, que significa letra. Textos literários se caracterizam pela subjetividade, pelo uso de linguagem conotativa e pela criação de um mundo ficcional que pode ou não se inspirar na realidade.” Luiz Otávio Oliani, em sua escrita, nos mostra que esse é, sim, um conceito verdadeiro.

Em “Eu me sinto um criminoso e outras crônicas”, publicado pela Ventura Editora (do competente editor Jorge Ventura) no ano de 2025, Oliani fala de literatura em todas as suas nuances, do prazer que ela traz em nossas vidas, principalmente para quem a tem como direção na própria vivência diária e literária. Ele questiona: Para quem escrever? E revela a sina de quem escreve profissionalmente, como é o seu caso: “O escritor escreve para se comunicar com o mundo. (...) Por isso, escrever é mais do que necessidade: é um chamado, uma vocação pessoal que só se completa com a produção do livro e o encontro com os leitores.” Na crônica que dá título ao livro, fala do prazer de se comprar livros,



como na barraca de uma Feira do Livro no Méier, e sentencia: “Talvez um dia, a qualquer hora, a qualquer minuto, encontre livros meus ali. Será algo normal.”

Oliani nos fala de quando comprou no Sebo do Vinícius o livro “Filosofia para corajosos” do Luiz Fernando Pondé, e me fez lembrar de quando, numa mesa de doações de um Centro Cultural de Belo Horizonte, levei para casa um livro de Khalil Gibran. Ao folhear aquele livro antigo, encontrei uma carta de amor, porém de despedida, num papel amarelado e datado da década de 1940. Imaginei várias situações de como aquela missiva foi escrita e não escrevi nada, talvez por ser um poeta e não um cronista como Oliani. Com sutileza, ele comenta sobre uma escritora que ficou horrorizada ao ver seu livro num sebo, esquecendo-se de que livros não são objetos preciosos como joias, mas sim objetos simples que instruem e que merecem ser lidos por todos, inclusive pelos que pouco entendem de leitura. Sobre as dificuldades do meio literário, ele nos revela que a insistência é o caminho para se chegar ao final, e aqui lembro-me da poeta Leila Mícolis que já nos dizia na década de 1970 que não se deve julgar um poeta pelo seu primeiro livro, no qual ele comete erros e acertos, mas sim a

partir do segundo livro e, daí, a insistência em seguir o caminho, lógico que com interesse em um aprendizado para melhorar seu trabalho literário.

E daí vem aquele primeiro livro: “Final, a primeira obra é como um filho. Porém, ninguém escreve livros para si, mas para o mundo. É, portanto, a partir deste instante, que o já escritor percebe que tem de fazer o livro circular com o lançamento, a sessão de autógrafos; afinal, a literatura precisa chegar aos leitores.” Ao comentar o livro como objeto, fala das dificuldades desse objeto tão importante para a formação humana chegar ao leitor através dos professores, dos pais que não incentivam a leitura, da falta de bibliotecas e das Bienais do Livro e da FLIP, que é mais um mercantilismo do que um incentivo ao interesse de ler no nosso dia a dia. E no assunto Bibliotecas Públicas comenta que: “Como pode um país crescer, tornar-se uma nação desenvolvida sem o acesso à educação, à cultura e ao trabalho? Impossível isso acontecer.” E lembra de dois espaços públicos que frequentava no bairro do Méier, a Biblioteca Pública Agripino Grieco e a Biblioteca Pública Castro Alves. Ao virar a página, volto minha lembrança a uma discussão que tive há mais de 45 anos atrás, numa aula de português-literatura, sobre poesia e poema, e leio neste livro sobre esse erro crasso, pois: “Po-

esia é um gênero do qual o poema é uma espécie. A poesia é abstração. O poema é a concretude. O poema é o texto escrito, externalizado em palavras. O poeta lê um poema, ou diz, ou recita um poema e não uma poesia, pois o texto é concretude e não abstração.” Nas reflexões sobre um último texto, questiona: “(...) como será meu último texto? Terno como o voo do passarinho? Ou amargo como um jiló?” e encerra com chave de ouro (ou serão palavras de ouro?) quando diz: “Faço da palavra a minha arma, o meu tesouro, a minha paixão. E se tudo é escrito com verdade, porque brota do ego, por que classificar ou imaginar o que virá? A humanidade sempre viveu em meus escritos e continuará mesmo após a minha morte.”



**Rogério Salgado - Belo Horizonte (MG) - é poeta, escritor, editor e ativista cultural. Publicou mais de 30 livros. Autor de *Tontinho, Baú de Memórias*, entre outras importantes obras.**



<https://www.lojaventuraeditora.com.br/>  
<https://www.facebook.com/venturaeditora>  
 venturaeditora.editor@gmail.com

 (21) 99962-6653 e (21) 99974-8655



# Declaração de Amizade

## Flora Figueiredo

Desta vez não venho com presentes usuais.

Dispensei chocolates,  
os botões de rosas escarlates,  
os perfumes embalados em cristais,  
a flauta com doçura tão intensa,  
que até descompensa a partitura.

Para você que, apesar do silêncio e da distância,  
compartilha comigo flutuações de alma,  
eu trouxe uma só palavra  
e a constância da amizade.

Chego hoje com as mãos vazias,  
mas deposito no seu dia uma saudade.

**Flora Figueiredo - São Paulo (SP) -  
é escritora, cronista, jornalista,  
tradutora e compositora.  
Autora de *Chão de Vento*.  
Exerceu o cargo de  
vice-presidente da Associação  
das Jornalistas e Escritoras do Brasil.**



# Golpe mortal

## Lucinda Persona

Nenhum indício de vida  
Sendo hoje domingo  
com esse modo de tingir em sangue  
o calendário  
faz acreditar  
que esteja morto à facada  
(na jugular)



**Lucinda Persona - Cuiabá (MT) -  
é escritora, poeta, professora,  
bióloga, mestre em Histologia  
e Embriologia pela UFRJ e  
membro da Academia  
Mato-Grossense de Letras.**

|             |            |
|-------------|------------|
| aldravias   | salto      |
| buscam      | de         |
| continentes | cova       |
| em          | nascimento |
| longínquas  | do         |
| porções     | artista    |

**Andreia Donadon Leal - Mariana (MG) - ,  
é escritora, poeta, Mestre em Literatura  
e Doutoranda em Educação.**



# A FORMA DA ÁGUA

## Noélia Ribeiro

O amor abissal,  
em sua forma genuína  
e sob a vigilância  
de cavalos-marinhos,  
não está ao nosso alcance.  
A nós humanos cabem  
as chamas da Quimera e a  
falsa profundidade do romance.

**Noélia Ribeiro - Brasília (DF) -  
é poeta, escritora, revisora,  
professora e taquígrafa.  
Formada em Letras na UnB,  
publicou cinco livros.  
Instagram: @noeliaribeiropoeta**



# Repouso

## Maria de Lourdes Alba

Faço um minuto de silêncio  
Ao silêncio de teu corpo  
Inerte coberto de flores  
Para que possas repousar  
No jardim da eternidade

**Maria de Lourdes Alba - São Paulo (SP) -  
é escritora, poeta, jornalista e  
pós-graduada em Jornalismo.  
Autora de *Lapidações, Ao redor das horas,  
Gotas na Face, entre outras obras.*  
albalou@uol.com.br**



# Autossabotagem

## Isabel Furini

uma cobra real sibila enquanto  
quebra os espelhos, elimina os reflexos  
enrola a cauda na perna de uma mesa  
cuspe e vomita sobre pratos e cálices  
envenena as facas e os garfos de prata  
machuca a língua  
e, ofuscada, estraga a própria vida.

**Isabel Furini - Curitiba (PR) - é escritora, poeta e  
educadora. Autora de *Os Corvos de  
Van Gogh* (poemas). Criadora do Projeto  
Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da  
Palavra pela Fundação César Egido  
Serrano (Espanha, 2017).**





# Livros

**Antônia Marzullo – A atriz que falava com os olhos**, Nelson Marzullo Tangerini, biografia, 278 páginas ilustradas, Editora Autografia, Rio de Janeiro (RJ).

ISBN: 978-85-518-8191-0.

O autor é escritor, poeta, jornalista, fotógrafo, compositor e professor de Língua Portuguesa e Literatura.

A obra abriga a biografia da atriz Antônia Marzullo (1894 – 1969), avó de Nelson Marzullo Tangerini, que dedicou sua vida ao teatro.

Segundo Nelson Rodrigues, no programa da peça *Toda nudez será castigada*, conforme citação na contracapa do livro: “Ninguém diria que aquela mocinha franzina, que estreou um dia num circo (ensaiei durante 15 dias para atuar uma noite), fosse continuar a vida toda no teatro e hoje se tornaria mãe de Dinorah Marzullo Pêra e avó de Marília Pêra.”

**Editora Autografia:** [www.autografia.com.br](http://www.autografia.com.br)

**Nelson Marzullo Tangerini:** [nmtangerini@yahoo.com.br](mailto:nmtangerini@yahoo.com.br)



**O Banquete do Paixão**, de Antônio Paixão, ensaio literário, Observador Legal Editora, 310 páginas. As caricaturas são de Xavi.

ISBN: 978-85-85548-39-1

Antônio Paixão, conhecido como Bardo do Bixiga, é um jornalista permanentemente desempregado por opção própria e adepto do ócio criativo. Fiel torcedor do Timão, foi um dos fundadores da Gaviões da Fiel, força primordial do processo civilizatório brasileiro. Mora numa maloca no Bixiga com sua companheira, a sorveteira Gigi Dell'Amore.

Antônio Paixão - escritor luso-brasileiro - é o heterônimo do jurista Durval de Noronha Goyos Jr. que exerceu o cargo de presidente da União Brasileira de Escritores e de diretor do Sindicato dos Escritores – SP. É membro

da Academia de Letras de Portugal.

A obra reúne personagens fictícios e heterônimos excêntricos como o frei dominicano, o professor de chinês adepto do “marxismo de mercado”, um cantor napolitano refugiado da Camorra, um mercenário vate inglês, o camareiro alagoano versado em cordel e um professor argentino. Paixão comanda um colóquio digno de uma rediviva República das Letras, na qual o adultério é debatido sob as lentes da filosofia, da psicologia, da sociologia, da história da literatura e da sabedoria popular.

A análise percorre milênios e culturas, da Grécia Antiga, passando pela China da Revolução Cultural à literatura brasileira contemporânea, num desfile de referências que lembram a verve enciclopédica de Umberto Eco, com o tempero tropical de um botequim boêmio do Bixiga. O Banquete do Paixão é, ao mesmo tempo, uma celebração da palavra, um tratado não oficial da “cornocultura” e um compêndio afetivo da arte de amar (e ser passado para trás). A obra acompanha um Altaneiro Glossário Cornográfico, com léxicos em 8 línguas.

A assessoria de Imprensa é de Elenita Fogaça.

**Observador Legal Editora:** <http://observadorlegal.com.br/loja/>

**Revérberos**, poemas de Márcio Catunda, Scortecci Editora, 112 páginas, São Paulo.

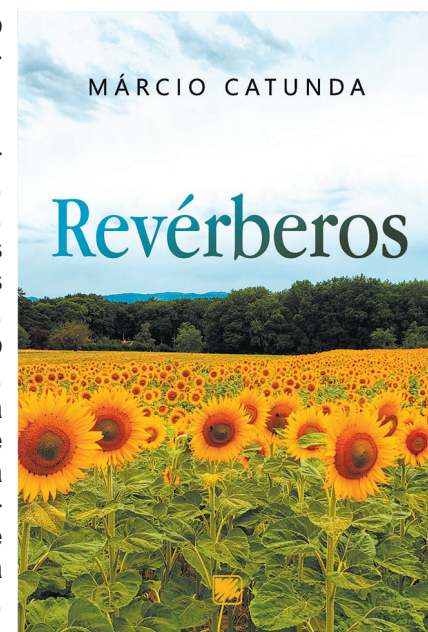
ISBN: 978-85-366-7241-0.

O autor é diplomata, poeta, romancista e ensaísta. Publicou 50 livros, alguns dos quais no idioma espanhol. Produziu CDs de poemas musicados e DVDs- documentários, com suas apresentações em espaços culturais.

A obra abriga o poema Protesto Justo e Generoso de Rosani Abou Adal.

Segundo Tanussi Cardoso, na contracapa da obra: “Na maioria de seus poemas e ensaios perpassa uma nostalgia — lírica e elegíaca — de tempos, lugares e personagens, pois, de alguma maneira, passaram por sua existência, nem sempre de forma real, mas em uma aventura livresca e cultural, sendo o escritor e diplomata um viajante do mundo, tendo morado em diversos países, e conhecedor de várias línguas e costumes; então, seria impossível todas essas camadas de vida não habitarem sua literatura.”

**Livraria Scortecci:** [www.livrariascortecci.com.br](http://www.livrariascortecci.com.br)



**Luces de La Orilla**, poemas de Eduardo Dalter, Ediciones de poesia La Carta de Oliver, 28 páginas, Argentina.

ISBN: 978-987-3825-58-3.

O autor é poeta e investigador cultural. Nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1947. Publicou em importantes publicações na Argentina e na América. Participou de importantes encontros internacionais e foi editor da revista de poesia *Cuaderno Carmín*. Autor dos livros de poemas *Silbos*, *N. Y. Postales para enviar a los amigos*, *Bocas baldías*, *Hojas de ruta*, *Concierto de los olvidos*, *Semeruco*, entre outras importantes obras. Tem poemas traduzidos por Antonio Miranda, Ronaldo Cagiano, entre outros escritores.

A obra abriga 15 poemas em espanhol que foram escritos em 2024 em Buenos Aires, com exceção dos poemas Encuentro com el Laurel, Baldita Irlandesa e Oyendo el Mar.

**Ediciones de poesia La Carta de Oliver - editor Santiago Espel:** [yagoespel@hotmail.com](mailto:yagoespel@hotmail.com)

**Cascalho para um Castelo**, poemas de Enivaldo do Vale, Edicon, São Paulo, 174 páginas.

ISBN: 978-65-5934-185-6.

O autor é escritor, poeta, filósofo, psicanalista e teólogo. Autor de *Gotas para os olhos da fé*, *Degraus*, *Sementes do bem*, entre outros livros.

A obra abriga poemas dos mais variados temas com o objetivo de despertar a emoção, a imaginação e ampliar o conhecimento. Enivaldo trabalha bem as imagens poéticas e a rima.

O livro foi lançado em comemoração aos 70 anos do autor.

**Enivaldo Vale:**  
[valeenivaldo@gmail.com](mailto:valeenivaldo@gmail.com)  
**Edicon:** [www.edicon.com.br](http://www.edicon.com.br)





# Notícias



Adrino Aragão

**Adrino Aragão**, escritor, contista e ensaísta, faleceu no dia 7 de fevereiro em Brasília (DF). Nasceu em Manaus (AM) em 6 de outubro de 1936. Foi membro da Associação Nacional de Escritores e do Clube da Madrugada. Publicou ensaios no *Jornal do Brasil*, entre outros veículos. Autor de *O tigre no espelho*, *Roteiro dos vivos*, *Os filhos da esfinge*, *Inquietações de um feto*, *A verdadeira festa no céu*, *Conto, não conto e outras inquietações*, entre outras obras.

**A Associação Profissional de Poetas no Estado do Rio de Janeiro - APPERJ** - elegeu nova diretoria para o biênio 2026/2028 que será presidida por Jorge Ventura. A diretoria será composta por Claudia Luna (vice-presidente), Amalri Nascimento (diretor secretário), Maria do Carmo Bomfim (diretora tesoureira), Luiz Otávio Oliani (diretor de comunicação social) e Lúcia Mattos (diretora cultural). Conselho fiscal: Isaac Domingos, Suzana Jorge e Fernanda Oliveira. A nova diretoria toma posse no dia 9 de março, durante o 1º sarau Te Encontro na APPERJ de 2026, realizado na Cafeteria Coffeebreak, na Lapa, com a presença dos diretores eleitos, associados apperjianos e convidados.

**A Revista Literarte da Argentina** publicou em espanhol o poema *Hambre (Fome)*, de Rosani Abou Adal, do livro *De Corpo e Verde* (Scortecci Editora, 1992). [revistaliterartedigital.blogspot.com/2026/02/rosani-abou-adal-brasilfebrero-2026.html](http://revistaliterartedigital.blogspot.com/2026/02/rosani-abou-adal-brasilfebrero-2026.html)

**Célio Turino**, escritor, poeta e mestre em História pela Unicamp, lançou o livro de poemas *Fios da história* pela Editora Clóe.

**O Sarau pela Palestina**, organizado pelo Núcleo Palestina, será realizado no dia 28 de março, sábado, das 15 às 19 horas, no Teatro Espaço Cultural Lélia Abramó, Rua Carlos Sampaio, 305, em São Paulo. [nucleopalestina.com.br](http://nucleopalestina.com.br)

**Akira Yamasaki** lançará o livro de poemas *Hideko*, pela Edições Archangelus, no dia 27 de março, sexta, a partir das 19 horas, na Casa Amarela Espaço Cultural, Rua Julião Pereira Machado, 7, São Miguel Paulista, em São Paulo.

**A 10ª Festa Literária Internacional do Pelourinho**, que será realizada de 5 a 9 de agosto, homenageará a escritora e poeta baiana Myriam Fraga (1937-2016). Seus poemas foram traduzidos para o inglês, espanhol, francês e alemão.

**Lucas de Matos**, escritor e comunicador, realizou, em Luanda (Angola), o projeto Preto Ozado: Circuito de Lira Afrolusófona que abriga poesia falada, mediação de leitura, audiovisual e intercâmbio cultural entre o Brasil e países africanos de língua portuguesa.

**O 8º Beagá Psiu Poético!** será realizado de 19 a 22 de março, em Belo Horizonte (MG), em vários espaços como o Cine Santa Tereza, Edifício Maletta, Casa da Floresta, Casa Socialista, Mercado Novo e Centro de Convivência Nise da Silveira (Pampulha). O festival é inspirado no tradicional evento de Montes Claros que celebra a poesia em diálogo com diversas linguagens da arte contemporânea.

**Djaimilia Pereira de Almeida** lançou o romance *Luanda, Angola, Paraíso* pela Editora Todavia. A história constrói uma narrativa sobre a diáspora, as relações entre pais e filhos e a constante busca por afeto humano.

**O Sarau Vórtice Plural**, do Coletivo Vórtice Plural, realizado no dia 28 de fevereiro, no Quilombo São Benedito, Rua Olvidio Lopes, 30, em São Paulo, contou com as participações de Ada Luz, Afras, Alessandro de Paula, Artenio Fonseca, Cristiane Martins, Décio Scavarelli, Fabu Seixas, Fernanda Gaudêncio, Punky (Duílio Coutinho), Roberto Shourin, Rosana Venturini, Rosani Abou Adal, Sidney Antonieta e Wagninho Barbosa.

**O 35º Sarau Vórtice Plural** será realizado no dia 28 de março, sábado, às 19 horas, na Rua Lúcia Miguel Pereira, 4, em São Paulo.

**Ada Luz, Rosani Abou Adal, Sinaida Cristiane** e ativistas dos movimentos de mulheres participaram do Esquentando Pré-Dia das Mulheres, organizado pelo Sarau das Murelhes e apresentado por Niuza Ferreira e Celinha Assunção, que foi realizado no dia 4 de março, na Praça do Forró, em São Paulo.

**Lis Vilas Boas**, Garras (editora Rocco), foi agraciada com o Prêmio Argos na categoria Melhor Romance.

**O Sarau e Exposição de Livros**, coordenado por Márcio Catunda, Jorge Ventura e Rosani Abou Adal, será realizado, com apoio do jornal *Linguagem Viva*, no dia 18 de março, quarta-feira, das 18h30 às 22 horas, no Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, Rua Rego Freitas, 530, sobreloja.

**Orides Fontela** (1940-1998), poeta e escritora, será a autora homenageada da 24ª Festa Literária Internacional de Paraty que será realizada entre 22 e 26 de julho, em Paraty (RJ). Sua obra, que se encontra esgotada, será lançada pela Editora Hedra.

**Ricardo Viveiros**, jornalista e escritor, lançará *ProAC 20 anos: Ponto de virada da Cultura Paulista*, no dia 26 de março, quinta-feira, às 19 horas, no auditório Franco Montoro da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, Av. Pedro Álvares Cabral, 201.

**Cantos e Palavras**, show de Zulu de Arrebatá e Dinho Oliveira, que será realizado no dia 20 de março, às 20h30, no Espaço Cultural do Frango, Av. Lucas, 479, em São Paulo, terá como poetas convidados Rosana Venturini, Rosani Abou Adal, Rosilene Valério e Carlos Rodrigues.

**Daniel Munduruku**, escritor, historiador, filósofo, Doutor em Educação pela USP e Pós-Doutor em Linguística pela UFSCar, tomará posse na Academia Paulista de Letras para a cadeira número 21, no dia 19 de março, às 18 horas, no auditório da Academia Paulista de Letras, Largo do Arouche, 312/324, em São Paulo. A cadeira foi ocupada por Roberto Duailibi.

**Antônio Lobo Antunes**, escritor e médico português, faleceu no dia 5 de março, em Lisboa, Portugal. Nasceu em 1 de setembro de 1942, em Lisboa, Portugal. Foi agraciado com o Prêmio Camões em 2007. Autor de *Memória de Elefante*, *A Última Porta Antes da Noite*, *O Arquipélago da Insônia*, entre outras importantes obras.

**Maria Iracema Giannella de Abreu Pereira**, historiadora e escritora, lançou *A representação da Comuna de Paris nas obras de Gustave Flaubert e Émile Zola*, com prefácio do Prof. Dr. Leandro Karnal, pela Editora e-Manuscrito.

**Márcio Catunda**, poeta, escritor, diplomata, colaborador do jornal *Linguagem Viva* e membro da Associação Nacional de Escritores, do Pen Clube do Brasil e da Academia de Letras do Brasil, lançará o livro de poemas *Revérberos*, pela Scortecci Editora, no dia 11 de março, quarta-feira, às 18 horas, na Livraria Drummond, Av. Paulista, 2073, loja 153, Conjunto Nacional, em São Paulo (SP).

**Jorge Ventura e Márcio Catunda** participarão de bate-papo no dia 17 de março, terça-feira, às 19 horas, na Livraria Ponta de Lança, Rua Aureliano Coutinho, 26, Vila Buarque, em São Paulo. Também serão lançados, pela Ventura Editora, o livro de poemas *Flores do Deserto* de Márcio Catunda e o livro de contos *Libitina Elegias e alguns infortúnios* de Jorge Ventura.

**Laurent Testot**, jornalista e professor, lançou *A grande história da China analisa milênios de história chinesa*, pela Editora Amarillys.

**Marco Lucchesi**, membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Biblioteca Nacional, foi laureado com o Prêmio de Honra que foi outorgado pela Biblioteca Nacional São Cirilo e São Metódio, da Bulgária.

**A Livraria da Vila** promove feira do livro, em parceria com a Editora Ciranda Cultural, de 3 de março a 3 de maio, de segunda a sábado (das 10 às 22 horas) e aos domingos e feriados (das 14 às 20 horas), no Shopping Center Norte, na Praça de Eventos, Travessa Casalbuono, 120, em São Paulo.

**Conceição Evaristo** lançou *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* pela Pallas Editora. A obra reúne a sua dissertação de mestrado que preserva o texto original.